

# Berggasse 19

*Revista de Psicanálise da Sociedade Brasileira  
de Psicanálise de Ribeirão Preto*



Vol. X no. 1 2020

ISSN 2177-3033

## Teorias organizadas e a clínica: composição ou oposição?

### Reflexões sobre o domínio mental

Miguel Marques<sup>1</sup>, Ribeirão Preto.

**Resumo:** O autor desenvolve reflexões baseadas em sua leitura da obra de Bion *Memórias do Futuro*. Aponta diferentes enfoques que podem advir do uso das teorias organizadas na clínica e discute seus diversos reflexos na captação da realidade psíquica para cada analista. Enfatiza o risco que corremos de nossas sofisticadas teorias nos aprisionarem a uma vasta pseudodescoberta do pensamento sobre o pensamento afastando-nos, assim, do que Bion formulou como o mistério da vida real. Propõe que, no caso da teoria psicanalítica, é essencial ao objetivo da experiência clínica a discriminação entre o que está sendo investigado e o instrumento utilizado na investigação. O autor considera que ocorre, com frequência, uma espécie de incoerência quando os conceitos e símbolos psicanalíticos passam a se constituir na própria realidade investigada e não em instrumentos para dela se aproximar.

**Palavras-chave:** teorias psicanalíticas; domínio mental; realidade psíquica; causalidade; infrassensorial; ultrassensorial; sensorialidade.

**Roland** E daí? Isso cura o paciente?

**Bion** Você está indo rápido demais, pulando de uma questão, para outra, que pertence à disciplina da Terapêutica. Mesmo a questão, “e daí” é parte de uma teoria de conseqüências e de um arcabouço que inclui tempo e espaço; mas não estou certo de que considero essa “configuração”, ou “conjunção constante”, apropriada para os eventos experimentados em Psicanálise. É tão inadequado quanto o aparato conceitual do qual sinto falta ao “praticar” e não teorizar. O próprio concei-

---

<sup>1</sup> Psicanalista, membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.

to se relaciona a uma conjunção constante de elementos macroscópicos e eu continuei a usá-lo como se fosse aplicável a microelementos (Bion, 1975/1989, p.214).

Um homem detecta um padrão repetitivo em suas sensações e comportamentos ao qual dá o nome de *submissão*. Tal condição o faz repudiar interações com pessoas as quais acredita serem providas de alguma autoridade, por sentir-se continuamente deslocado nessas situações e em muitas outras nas quais experimenta tais impressões. Descreve os momentos nos quais vive esse desconforto nas relações com seus clientes e, muitas vezes, frente à própria esposa. Aponta a presença dessa condição no fato de estar ali, naquele momento, em uma sala conversando comigo e a nomeia de submissão. Formulo a ideia de que tal condição fosse análoga a um cheiro do cotidiano, por exemplo, o cheiro de alho fritando em óleo, que poderia permitir a uma pessoa dar-se conta de que estivesse próximo a uma cozinha na qual estivesse sendo feito algum tipo de prato; esse prato e essa cozinha não são localizáveis, mas o cheiro está presente a ponto de despertá-lo.

Com certo desconcerto, após um tempo em silêncio traz a ideia de um quadro imaginário. Propõe uma paisagem bucólica cujo foco, no entanto, seria algo esdrúxulo, como alguém defecando. Caso esse quadro fosse pintado, seria a forma exata de como ele se sente frente a tal impressão.

Dou-me conta de que um quadro com essa temática efetivamente existe; o pintor norueguês Odd Nerdrum pintou a imagem de uma mulher de cócoras, apoiada em sua mão esquerda enquanto que com a direita segura as suas vestes enroladas na altura do abdômen. Na clareira da mata, suas nádegas são ressaltadas e um longo bastão fecal enrola-se no chão, saindo dentre elas. Este quadro denominado *Twilight* (A clareira) faz parte da série *Transformations*. Recordo-me do impacto e ao mesmo tempo a repulsa e fascínio que senti frente a tal cenário, quando ele me foi apresentado há alguns anos por um estudante de artes. Naquele momento, percebi que o meu impacto provinha do confronto com algo tão íntimo e privado mas,

ao mesmo tempo, exposto com tantos detalhes e clareza. O pintor leva o observador a compartilhar o mal-estar e constrangimento de experimentar emoções contraditórias, ao presenciar um momento tão privativo: olhar diretamente para aquilo que naturalmente evitaria olhar. Penso que a partir de algo absolutamente banal e cotidiano, o pintor nos oferece uma ruptura do senso comum e abre uma brecha na qual o habitual revela realidades antes invisíveis a partir de novas dimensões afetivas.

Faço uma conjectura para mim mesmo que a incipiente consciência de movimentos de obediência aos ditames e clichês, contendo definições sobre como deveria agir como um homem bem-sucedido, como marido, como filho ou pai, ou mesmo como analisando, o perturbava intensamente a ponto de torná-lo distanciado em relação aos fatos como lhe eram apresentados pelo vértice dos clichês. Concomitantemente, farejava outra realidade a distância, isto é, outra dimensão além dos clichês e moralidades. Tal situação era intensa o suficiente para fazê-lo perceber que aquilo que vivia era falso, ou mesmo que estava completamente deslocado em relação ao que significava estar vivo e presente em um dado momento.

Percebo que sentia como loucura o fato de ter duas séries de sentimentos a respeito dos mesmos fatos e, conseqüentemente, o quanto desgostava desse estado, pois na medida em que incluía em sua percepção de mundo o que percebia, não podia experimentar o que vivia como fazendo parte do real. Ao mesmo tempo, na medida em que excluía o que percebia da sua concepção de mundo, incorria no ódio contra si mesmo, pois não estava permitindo que um aspecto de sua personalidade se expressasse e, então, se sentia desvitalizado frente às relações cotidianas.

Ele havia se deslocado da escuridão da feliz alienação humana. Caso ele pudesse perceber os fatos para os quais tinha a capacidade de *sensar* através do padrão que havia detectado, poderia estar apto a ler os fatos disponíveis e *pensar os pensamentos* para o que permanecia por detrás dos fatos. A realidade subjacente requeria mais investigações além do que podia sustentar.

Não podemos apreender as coisas diretamente, os estímulos que nos atingem são misturas bastante incoerentes de impressões sensoriais indefinidas que de modo algum se relacionam diretamente com as formas e qualidades que percebemos *a posteriori*.

Para ter um acesso possível a fatos da realidade em meio a um caos de estímulos, dependemos da percepção de uma conjunção constante de alguns eventos que intuimos possuírem temporariamente um significado. Então, consideramos ter efetuado a descoberta de um fato e somente a partir dos acréscimos de significado é que podemos nos aproximar de alguma realidade significativa, seja ela o conhecimento do mundo à nossa volta ou a apreensão de uma realidade psíquica indicativa da presença de um ser humano (eu mesmo ou outro ou ambos) em um determinado momento.

Por outro lado, agarramo-nos a qualquer coisa que nos dê sustentação e a oportunidade de dizer daqui não passo. Qualquer descoberta pode ser seguida de um fechamento. O que permanece de nossos pensamentos e esforços é devotado a consolidar o sistema e impedir a intrusão de mais outro pensamento.

Dessa forma, esse homem tentava organizar as suas experiências de modo a que não excedessem certa quantidade de estímulos, a partir dos quais corresse o risco de experimentar tal estado mental no qual se visse observando algo que não suportaria perceber. Não podia sair dos limites da cidade, mantinha um comportamento rigorosamente planejado, tendo incluído em seus controles uma roupa de vir para as sessões, tal qual a roupa para ir à missa aos domingos. Qualquer farpa desse sistema que porventura pudesse facilitar o alojamento do germe de outra ideia era logo suavizada e polida.

Acredito que ele cuidava para que sua realidade permanecesse restrita aos fatos que fossem sensorialmente definidos e pudessem ser sustentados por convicções e dogmatismos e até mesmo por fanatismos como a instituição de uniformes para as sessões. Em contraponto a esta postura, não podia evitar dar-se conta de uma brecha, “a clareira”, neste sistema tão hermético e definido.

Proponho uma analogia com a vida e a realidade definida por

esse homem para pensar o que, para muitos de nós psicanalistas, é fonte de dificuldades infinitas, e na qual uma confusão infundável é característica essencial e não acidental: o domínio mental. Nós, com os muitos que têm a intenção de existir ou dos quais há registro de que existiram e ainda existem, acreditamos que há algo mais que pode ser chamado ultra ou infrassensorial. É esse algo mais que, supomos, torna-se significativo através do refinamento proporcionado pela prática psicanalítica.

Um dos personagens de *Uma memória do futuro: o passado apresentado*, Paul, diz em solilóquio: “Todo mundo pensa que os psicanalistas nunca brigam. Quando começarem as Grandes Guerras da Psicanálise aí é que vamos ver alguma coisa – e não vai haver golpe proibido” (Bion, 1991/1996, p.77). Acredito que tal guerra esteja ligada às diferentes concepções do que seja a Psicanálise e a mente que ela delinea em confronto com as ideologias e convicções acerca daquilo que ela deva ser.

As ideologias e todos os aparatos teóricos que visam a oferecer coerência e plausibilidade ou a interpretação convincente a eventos que fundamentalmente são multifacetados, paradoxais e intuitivos propõem inúmeros equívocos. Mesmo para simplesmente nos comunicar através da fala, é preciso separar, esclarecer e organizar a experiência que estamos tendo e esse uso, tão familiar que se tornou invisível, é a marca quase única do nosso pensamento, a ponto de confundirmos perpetuamente o nosso pensamento com os vocábulos que o traduzem e que, sem dúvida, o traem. Habitualmente tomamos as nossas palavras pelo nosso pensamento e o nosso pensamento pela nossa realidade. Tais distorções nos mostram a todo o momento que “dentro dos limites dos universos de discurso existentes, é impossível relacionar pensamento conceitual e sentimentos apaixonados” (Bion, 1975/1989, p.151). Com frequência, lidamos no domínio emocional com aspectos e elementos de experiências que são inacessíveis ao pensamento, apesar de inconfundíveis para o sentimento.

Hoje sabemos, a partir da Física Quântica, que os resultados das observações estarão condicionados à estrutura mental do

observador. O observador distinto do observado só existe no quadro estreito da Física Clássica. O *princípio da incerteza* formulado por Heisenberg (1996) sustenta que, mesmo na percepção cotidiana, é impossível estabelecer uma distinção nítida entre o que observamos diretamente e o que apenas inferimos, pois mesmo as concretizações iniciais da representação visual se formam primeiro onde acabamos de sonhar os objetos e não onde eles estão na própria realidade. Na visão ordinária, a imaginação supre facilmente as insuficiências da percepção.

Tais aspectos instituíram que as ideias sobre a causalidade fossem revistas, pois ela só se aplica a um sistema que permaneça imperturbado, visto que a observação rompe a cadeia causal e introduz um elemento fundamentalmente aleatório. Assim, podemos pensar que não existe algo como *leis da natureza*, mas sim uma conjunção constante de elementos peculiares ao sistema dedutivo humano e que sustenta uma aparência de ordem e coerência.

O ponto que desejo frisar é que na Física Contemporânea, o objeto de estudo, isto é, a própria realidade material, apresenta-se de forma tão paradoxal que as teorias delimitadas, assertivas e consequenciais como as da Física Clássica não alcançam o fato real. Analogamente, como conceber que nossas formulações teóricas, fundamentalmente dualistas e constituídas por sujeitos e objetos, definidas em um tempo e espaço absolutos, com espaços internos e externos determinados, além de conjugadas sequencialmente, possam delimitar um campo de investigação do desconhecido que esteja além/aquém do sensorial? Como acreditar que a mente possa se desvelar como um produto de nossas operações técnicas e de manipulações científicas advindas de teorias causais?

Cada pensamento é um campo de forças, cuja finalidade essencial é transcender a sua própria tese, uma vez que tem de dissolver visões cristalizadas para sustentar um movimento em direção à realidade subjacente incognoscível e inefável. Nesse sentido, ter um pensamento como um bem estável opõe-se a seu próprio sentido. Isso lança uma sombra sobre o conceito de teoria, uma vez que formulações teóricas organizadas e definidas reduzem o desconhe-

cido à clareza e ao explicável, conseqüentemente empobrecendo-o e mesmo ocultando-o. Podemos dizer que o conceito de ideia fixa é um ingrediente comum tanto à aberração quanto a uma teoria.

Ao longo dos diálogos da *Memória do futuro*, especialmente em *O sonho*, as formulações apontam para o que Bion (1975/1989) denomina *aberração*, isto é, o fato de que o pensamento dedutivo a respeito da realidade se tenha destacado e se confundido com a realidade que dele se aproxima. Nossos conceitos e símbolos passaram a se constituir na própria realidade investigada e não em instrumentos para se aproximar dela.

Em suas considerações, Bion coloca em dúvida a importância da *propriedade significativa* e de todos os aparatos de débito e moralidade com que normalmente a concebemos, isto é, a interpretação maravilhosa que o famoso psicanalista X, Y ou Z alcançou, equacionando-os a *propriedades sensoriais*. Segundo ele, Melanie Klein jamais se reconciliou consigo mesma em razão de que, sempre que se fazia entender, aquele entendimento transformava-se em algo que ela mesma entendia como não estando vivo. Seguindo esse vértice, penso que um psicanalista pode reconhecer que uma determinada descrição de um estado mental é de Freud ou de Melanie Klein, ou mesmo ter grande habilidade no manuseio e aplicação de conceitos, mas permanecer cego para aquilo que o conceito aponta: a própria experiência.

Pelo vértice do inanimado, Psicanálise e ritual estão reificados e sujeitos a um tipo de magia, isto é, ritual torna-se método científico e método científico, reciprocamente, torna-se ritual. Ritual e cerimonial mágico visam a controlar o mundo espiritual de vários modos, desde breves conjurações e amuletos até cerimônias demoradas e elaboradas, incluindo rezas e invocações. Assim, há psicanalistas que acreditam que parear experiências emocionais de vivências arcaicas a conceitos psicanalíticos elaborados tenha algum tipo de efeito terapêutico. Tais propostas tornam estreito o hiato entre as teorias da Psicanálise, por um lado, e a invocação e a reza por outro.

Bion, em *Uma memória do futuro: aurora do esquecimento* (1991/1996b) refere-se a esses aspectos nos psicanalistas da seguinte

forma: “Fanatismo e ignorância são duas características antigas e bem desenvolvidas no ser humano. Em psicanálise e naqueles que a praticam, elas se mostram com frescor e vigor impressionantes” (Bion,1991/1996b, p.131). Parece-me que segundo essa visão, os psicanalistas podem ser considerados alguns dos primeiros animais a odiar o pensamento. A própria condição de pensar um pensamento já implica uma restrição, pois imediatamente caímos em uma polarização entre *veracidade* e *falsidade*, que adicionalmente é complexificada por moralizações.

Em *Uma memória do futuro: o sonho* (1975/1989), Bion formula:

Nossos componentes físicos e sensoriais são manipuláveis através de uma teoria organizada, assim como pensamentos associados a um pensador também são passíveis de organização teórica. A mente, a personalidade, a relação, a crença não podem ser definidas, pois uma definição razoável tem que envolver confinamento a uma conjunção constante (Bion, 1975/1989, p.198).

Faz parte dessa predominância, do sensorial na apreensão do que seja a mente e da vigência de sistemas morais, a tendência a utilizar o instrumental teórico psicanalítico para revelar doenças ou enfermidades da mente. Imagino que o máximo que nossa ciência pode fazer é mapear a natureza da mente exposta aos nossos métodos de investigação.

Ao longo da trilogia, *Uma memória do futuro*, o que vai saltando à nossa percepção é a ideia apontada por Bion nos diálogos de que as nossas teorias quando utilizadas para observações sob a forma de distúrbios, disfunções ou diagnósticos nos levam para o campo do sensorial e não podem dar conta de apreender uma mente.

Bion pontua que: A abordagem psicanalítica ainda que valiosa ao ampliar o consciente através do inconsciente acabou por se tornar viciada por sua incapacidade de entender a aplicação prática da dúvida e por sua incapacidade de entender a função das analogias (seio, pênis, vagina, boca, continente, conteúdo), sucumbindo a uma dominância sensorial (Bion, 1989, p.80).

Ele aponta para a degradação das teorias em direção ao sensorial, que acontece quando os objetos relacionados ganham prioridade frente às relações delineadas. As analogias são necessárias, pois da mesma forma que pensamentos sem pensador podem não ser considerados, uma relação sem a valorização dos objetos também pode não alcançar sentido em nossa forma tridimensional de organizar a experiência.

Nossas teorias priorizam basicamente a fenomenologia dos objetos e tomam como hipotéticas as ligações estabelecidas. Bion chama a atenção para o fato de que os objetos em relação é que são representados por metáforas e analogias, pois nossa apreensão imediata do real – eu e tu –, os limites da minha personalidade, quem sou – só funciona como um dado confuso, provisório e convencional. Falamos em objeto de nossas investigações, mas o que observamos é um conjunto de relações entre nós mesmos, em hipótese nenhuma um objeto exterior a nós mesmos.

Na clínica analítica, não lidamos com eventos delimitados que tenham uma existência definida, mas sim com relações entre coisas e essas coisas, por sua vez, são interconexões entre outras coisas. Só podemos vislumbrar precariamente uma breve relação, que por um momento possa vir a delinear-se através de nosso inadequado sistema de analogias o qual pode nos tornar sensíveis a uma realidade subjacente.

Trabalhamos com momentos delineados por um *setting* e observamos, no minuto a minuto da sessão, as reações momentâneas do analista ↔ analisando em relação a esse *setting*. No que diz respeito à mente humana tudo é microscópico e carrega características da imprevisibilidade de micropartículas descritas pela Física Quântica.

No infinitamente pequeno, as propriedades numéricas são mais numerosas que as propriedades fenomenais, e suas apreensões só são possíveis a partir da captação de padrões ou configurações reveladas a partir de um contexto e durante um período de tempo. A fenomenologia objetual, por tratar de macroelementos, não dá conta da apreensão de microelementos.

Nossas analogias, se não fossem obscurecidas pela dominância

sensorial, nos permitiriam inserir elementos pertencentes a uma matriz imperceptível e atemporal, dentro da estreita faixa que vai do infra ao ultrassensorial e alcançar sentido para relações que, de outra forma, não seriam percebidas.

Bateson (1986) em seu livro *Mente e Natureza*, a partir da afirmação de Próspero (personagem de *A Tempestade* de Shakespeare) de que “Somos o material sobre o qual são feitos os sonhos”, aponta que a matriz da qual somos feitos é de um material totalmente transparente e, por esse motivo, imperceptível. Os únicos indícios para que esta matriz transparente possa ser percebida são suas rachaduras e planos de fratura. As percepções de conexões, o sonhar/fantasiar e histórias de vivências pessoais, talvez se assemelhem a rachaduras e irregularidades nessa matriz uniforme e intemporal. A condição de estarmos vivos e a de ter uma mente só podem ser percebidas nesta matriz a partir de um contexto que exhibisse um padrão que se repetisse ao longo do tempo.

As várias teorias das quais podemos fazer uso (situação edipiana, agressão, rivalidade, entre outras) só podem nos auxiliar na medida em que coloquem em evidência configurações que se repitam através do tempo e que indiquem uma realidade subjacente em função de suas perturbações, reagrupamentos e mudanças em padrões. Usar essas teorias para identificar disfunções e distúrbios, levando em conta a situação transferencial imediata, é o equívoco apontado por Bion, no qual os objetos relacionados ao invés de serem apenas um contexto no qual uma relação pode alcançar significado, ganham prioridade frente às relações implicadas. Nesse caso, não se prestam mais a revelar configurações que permitam acesso a uma dimensão subjacente, pois a investigação volta-se para a estrutura e fecha-se em si mesma.

Para ilustrar tal condição, Bion propõe que, ao observarmos uma escultura, só poderemos compreendê-la se a estrutura for planejada para funcionar como uma armadilha para a luz. O significado de uma obra esculpida é revelado pelo padrão formado pela luz capturada e não pela estrutura em si própria.

Acompanhar o desdobramento de uma sessão, como no relato

proposto inicialmente, a partir de teorias tais como o *splitting* e a identificação projetiva que delimitam dentro e fora, interior e exterior, priorizando os objetos relacionados a partir de ataques invejosos e defesas narcísicas, nos envolve diretamente com moralidades e causalidades e impossibilita a percepção de configurações que nos permita intuir uma realidade subjacente.

As investigações daquele homem o levaram a identificar um padrão que poderia conduzi-lo ao encontro de uma realidade singular que o denunciaria como um ser vivo e original. Suas observações eram amputadas pela restrição que se impunha de transitar por diferentes dimensões afetivas. De modo análogo, o uso das teorias quando estão a serviço de investigar fenômenos objetivos e os seus sintomas e distúrbios, aparentemente, apresenta diferentes perspectivas pela profusão de novas e mais sofisticadas teorizações. A rigor, esse uso define a sensorialidade como a única dimensão e visa essencialmente a comportamentos e aspectos ligados à sobrevivência humana.

Para não se aprisionar em tal equívoco, Bion propõe como domínio da mente uma extensão além do animado e do inanimado, dimensões a serem buscadas a partir de elementos presentes entre os *espíritos e os fósseis*. Uma experiência além do espaço físico sensorial e que não pode ser revelada pelo campo proposto por teorias causais fundamentadas em um tempo e espaço absolutos. Algo que denomina como bio+ e bio—, retomando assim, de forma aprofundada e ampliada, a meu ver, uma formulação proposta inicialmente por Freud como um paradoxo, qual seja: “a matéria inanimada busca a vida e a vida busca a matéria inanimada”.

Nesse contexto, Bion nos apresenta tal antinomia como interações entre modos subjacentes à organização e expressão das experiências que constituem o enigma da existência humana. Segundo ele: “Não sabemos o que está envolvido na transformação do inanimado em animado, ainda que saibamos, ou pensemos saber, alguma coisa sobre a mudança de animado em inanimado. O processo de vinculação pode ser um assassinato e um suicídio” (Bion, 1975/1989, p.139).

Ele nos sugere como hipótese um intervalo de tempo dentro do qual se situa o domínio de nossas mentes, algo como o espectro da parte visível das ondas eletromagnéticas. Um dos polos é o estado mental que propiciou que os componentes da corte de Ur ingerissem a poção que os aniquilaria; outro limite são os estados de mente desconhecidos para nós, distantes no futuro por um intervalo de tempo semelhante. Este intervalo determina uma extensão (6000 anos atrás e 6000 anos além) que vai do infra-humano ao ultra-humano, um espectro de pensamentos sem pensador que abarca desde as perturbações carreadas pelo sistema simpático até as formulações propostas pelos desenvolvimentos algébricos. Através destas formulações, o domínio mental escapa dos limites definidos pelo *establishment* moral das teorias consagradas, de doenças e curas, ou sintomas e quadros diagnósticos, melhoras ou pioras ou interpretações certas e comportamentos maduros.

Imagino que Bion tenha buscado na dualidade e na antinomia do *vivo* e do *morto* uma dialética que superasse os termos antitéticos de externo e interno, de bem e mal, de prazer e dor, de valor e desvalia e de verdade e falsidade, entre outros. A mente, então, pode ser mapeada em termos de padrões  $\pm$ , isto é, animado e inanimado ou vida e morte e não em termos de patologias, distúrbios e moralidades.

Podemos pensar que o homem do relato clínico inicial cuidava para que os registros de sua existência acontecessem dentro de um espectro inanimado, as evidências de uma vida ou os registros animados eram rigorosamente limitados e descartados. Assim também as teorias das quais lançamos mão, sejam as que privilegiam o contexto transferencial/contratransferencial imediato, a situação edípica, os movimentos que pertencem ao campo da inveja e outros, só nos interessam na medida em que possam revelar padrões dentro do espectro inanimado $\leftrightarrow$ animado, de outra forma estaríamos privilegiando a sensorialidade.

Em relação a tal espectro, Bion pontua que:

Muitas pessoas são de tal modo sem vida que eu me espanta-

ria, admitindo-o em silêncio, com o fato de não poder acreditar na evidência de meus sentimentos. Também não acredito que a ciência – tambores de fumaça, estatísticas ou outros aparatos que geralmente se admite como pertencendo ao domínio da ciência – pudesse algum dia trazê-las à vida ou insuflar nelas vida. (Bion, 1975/1989, p.8)

Tal afirmação delimita padrões em um campo bastante amplo, num extremo, seguindo essas referências, a evidência científica poderia convencer-nos de que essas pessoas existem mas, ao mesmo tempo, são personagens ficcionais; no outro extremo, existem personagens de ficção, das quais com certeza poderia ser dito que não existem, mas apresentam-se à nossa sensibilidade como profundamente vivas, em termos de lógica, essa situação é frequentemente descrita como um paradoxo. Bion também se refere, como modelo para pensar tal paradoxo, às esculturas conjuradas do mármore por Michelangelo, *Os Escravos*, homens parcialmente destacados de um bloco de pedra e ameaçados de ser “re-enterrados”.

Penso, a partir desses pontos de vista, que a propalada ideia do processo analítico ter como uma possível perspectiva apresentar alguém a ele mesmo sofre continuamente o risco de ser enterrada pela díade analista/analizando, pois como afirma Bion “apesar do fato de perceber que têm muitas das características de uma fantasia de minha imaginação (e de outras pessoas) também sou um personagem fictício” (Bion, 1975/1989 p.141). Certamente podemos imaginar (e ser imaginado por outros) que somos tão vívidos visualmente, que nos convencemos, de modo completo, de que não há nenhum meio de discernir a diferença entre o real e o imaginário e mesmo que a discriminação entre os dois é impossível. Além de que, a condição de ser apenas um personagem fictício em um cenário já previamente estabelecido, proposta por forças provindas do controle onisciente e manipulações onipotentes institucionais e político-teóricas, alcança tal nível de sofisticação, que com muita frequência pode ser confundida com vida real. A relação ultrapassa qualquer definição racional, e nenhum contexto teórico permite fixá-la. Esse é outro paradoxo ou antinomia apontado por Bion e já formulado por Hegel,

qual seja, dentro da minha versão: *o homem é o que não é o que é, e que é o que não é.*” (não é o que é ↔ é o que não é).

Frente a tais possibilidades de existência, acredito que em uma sala de análise seja possível perceber diferentes configurações que permitam mapear a presença de uma mente que se expresse a partir de interações entre personagens efêmeros vivos, semivivos ou mortos ou mesmo não nascidos e que sustentem uma hipótese definitiva sobre o que vem a ser a personalidade em um determinado instante. Muitas vezes esses diferentes padrões que emanam a partir dos vários momentos de experiência compartilhada alcançam significações que podem nos levar em direção à realidade psíquica vivida pelo indivíduo, e só por ele ou por ela.

Acredito que em relação às reivindicações de verdade científica ou do que se considera verdade disponível para seres humanos como nós, não vamos além de pura conjectura, bem como o ser quem se é só pode delinear-se no tempo verbal gerúndio — sendo —, pois implica movimentos contínuos de rupturas de cenários ficcionais embalsamadores.

Bion nos alerta para o fato de que mistério é vida real, e a vida real é o interesse da análise real e não apenas uma vasta pseudoscoberta do pensamento sobre o pensamento, como parecem propor nossas sofisticadas teorias. De acordo com suas palavras: “Esperamos que o que surgisse fosse o ser humano de fato, que seria capaz de viver sua própria vida” (Bion, 1991/1996b, p.116).

A humildade para tolerarmos a percepção de que o uso de nossas teorias como enquadres definidores de uma investigação ou como formulações diagnósticas nos levam para longe da vida real pode não ser compatível com o fato de que sobrevivemos de tal lida e de que sofremos pressões do *establishment moral* para alcançar resultados.

Apreendi um pouco mais profundamente a respeito de minha função como psicanalista em uma sala de análise, a partir de minha experiência com uma mulher que, por problemas advindos de uma síndrome genética importante, tinha no lugar do que seriam as mãos, uma massa disforme de ossos, músculos e pele que a levaram a uma

série de cirurgias desde sua tenra infância. O ortopedista havia feito um plano cirúrgico definido bem como o cirurgião plástico, das manobras e procedimentos para delimitar precariamente uma mão para essa mulher. Como registro dessas experiências, nas ocasiões em que o gesso deveria ser trocado, ela retirava dele, com a ajuda de um enfermeiro, pedaços com diferentes formatos para que servissem como pequeninas telas. Depois de serem precariamente coloridos com a ajuda de um pincel ajustado ao novo gesso, os pedacinhos eram guardados.

Em determinados períodos quando, em virtude das cirurgias a que se submetera, aquilo que parecia com sua mão havia adquirido a capacidade mínima de segurar objetos, passou a desenhar febrilmente, em todos os momentos em que isso lhe era possível. Tal situação manteve-se ao longo do tempo em que se sucederam as cirurgias. Aconteceu que seus desenhos se acumulavam à medida que algumas funções da mão eram alcançadas. Em minha interpretação, ela tentava construir a partir da coleção de pedaços de gessos e dos desenhos, alguma evidência do que seria, do seu próprio ponto de vista, ter uma mão.

Conjecturo que seus pequenos pedaços coloridos de gesso, bem como seus desenhos, delineados cada vez mais com diferentes graus de sofisticação, estão na mesma dimensão que nossas teorias. Só nos interessam à medida que, como analogias úteis, nos insiram em um processo de vulgarização que alcance elementos do espectro infra/ultrassensorial e delineie configurações que nos permitam intuir a presença de uma mente. Interpretar os desenhos ou as coleções de gessos em si mesmos nos faria perder de vista uma função essencial desses elementos, qual seja, denunciar uma realidade subjacente tal como São João da Cruz (1993) assinalou: em seus escritos, a respeito dessa conjunção que aponta para uma realidade inefável, como as partículas de poeira, que tornam perceptível um raio de luz que as atravesse.

Em nossa função de coletor-construtores de evidências que detectem mente, estamos extremamente vulneráveis e desprovidos de teorias que deem conta de uma tarefa tão complexa como a de

observar e mapear a natureza de uma mente apresentada através do método psicanalítico. O que sabemos é que, ao compartilharmos nossas observações com um analisando, ele passa a saber de si algo que nunca antes soubera e que não poderia ter observado por si mesmo, ou seja, dar-se conta de uma realidade psíquica singular, pessoal e única através da qual se revela a condição de sentir sua própria existência. Cada um de nós, a partir de uma realidade psíquica singular advinda de nossas experiências mais arcaicas, tem a tarefa de alcançar, realizar ou mais precisamente humanizar-se em conexões com uma matriz intemporal e universal, a matéria da qual nós somos feitos. Como Bion aponta: “A psicanálise pode ser um fenômeno efêmero que denuncia certas forças na superfície em que a raça humana bruxuleia, tremeluz e esmaece, em resposta a uma realidade não conhecida, porém gigantesca”. (Bion, 1975/1989, p.122).

### **Teorías organizadas y la clínica: ¿composición u oposición? Reflexiones sobre el dominio mental**

**Resumen:** El autor realiza reflexiones que se basan en la lectura de la obra de W. Bion denominada Memorias del Futuro. Señala los distintos enfoques que pueden producirse en el uso de las teorías organizadas en la clínica y también discute los diversos reflejos en la captación de la realidad psíquica, para cada analista. Subraya el riesgo que corremos de que nuestras sofisticadas teorías nos aprisionen en un vasto pseudo-descubrimiento del pensamiento al respecto del pensamiento, lo que nos aleja de lo que Bion ha denominado como el misterio de la vida real. Al respecto de eso, el autor propone que, en el caso de la teoría psicoanalítica, es fundamental para el objetivo de la experiencia clínica que se logre diferenciar lo que está siendo investigado del instrumento que se utiliza para realizar dicha investigación. El autor defiende que a menudo se da una especie de incoherencia cuando los conceptos y los símbolos psicoanalíticos pasan a constituir la propia realidad investigada y ya no son más instrumentos para acercarse a ella.

**Palabras Clave:** teorías psicoanalíticas; dominio mental; realidad psíquica; causalidad; infrasensorial; ultrasensorial; sensorialidad.

### **Organized theories and the practice: composition or opposition? Reflections on the mental domain**

**Abstract:** The author develops reflections based in his reading of Bion's work *A Memoir of the Future*. He points out different focuses that can result from the

use of organized theories in the practice and discusses their different reflexes in the capture of the psychic reality for each analyst. He emphasizes the risk we run of our sophisticated theories imprison us to a wide pseudo-discovery of the thought on the thought, this way leading us away from what Bion formulated as the mystery of real life. He proposes that, in the case of the psychoanalytic theory, the discrimination between what is being investigated and the instrument used in the investigation is essential for the purpose of the clinical experience. The author considers that what frequently happens is a kind of incoherency when the psychoanalytic concepts and symbols start constituting themselves in the investigated reality itself and not in instruments to get close to it.

**Keywords:** psychoanalytic theories; mental domain; psychic reality; causality; infra-sensorial; ultra-sensorial; sensoriality.

### **Referências:**

Bachelard, G. (2004). *Estudos*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Bateson, G. (1986). *Mente e natureza – A unidade necessária*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Bion, W. R. (1989). *Uma memória do futuro: Vol. I - o sonho*. Vol I. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1975).

\_\_\_\_\_. (1996a). *-Uma memória do futuro: Vol. II - o passado apresentado*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1991)

\_\_\_\_\_. (1996b). *Uma memória do futuro: Vol. III - a aurora do esquecimento*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1991)

Croce, B. (1943). *Lo vivo y lo morto de la filosofia de Hegel*. Buenos Aires: Ediciones Imán.

Heisenberg, W. (1996). *A Parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política*. Rio de Janeiro: Contraponto.

São João da Cruz. (1993). *A noite obscura*. Lisboa: Editorial Estampa. (Trabalho original publicado, provavelmente, em 1618)

### **Miguel Marques**

Rua Dr. Granadino de Baptista, 412 - Senador Salgado Filho.

Marília, SP - CEP: 17502-180

Avenida Cel. Fernando Ferreira Leite, 1520/906 - Jardim Califórnia.

Ribeirão Preto, SP. CEP: 14026-900

F: (14) 3454 1637 - Cel: 99777 1575

E-mail: mimarq@terra.com.br

**Editora:** Maria Lucimar Fortes Paiva